



Na terra generosa da Revolução

Germinam as flores nascidas em Setembro

Presidente Samora Machel na mensagem dirigida à Nação moçambicana por ocasião do 25 de Setembro

O Marechal Samora Machel, Presidente do Partido Frelimo, Presidente da República Popular de Moçambique e Comandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique (FPLM),

leu ontem aos jornalistas uma mensagem dirigida à Nação, por ocasião do 25 de Setembro, Dia das FPLM e Dia da Revolução. Passamos a transcrever na íntegra a referida mensagem:

Moçambicanos, Soldados, Sargentos, Oficiais, Há vinte anos, nesta mesma noite de 24 para 25 de Setembro, em Chai, foram disparados os primeiros tiros contra o imenso poder colonial que há séculos oprimia o nosso povo. Estes primeiros tiros fazem surgir a época mais rica da História do nosso povo, época que o vê avançar a largos passos no novo caminho da felicidade.

O desafio do 25 de Setembro não se esgota em 1964 ou dez anos depois com a vitória contra o colonialismo. A história da nossa Pátria, a história das Forças Populares de Libertação de Moçambique é também a história do desafio permanente contra obstáculos aparentemente invencíveis. O desafio que enfrentamos não é apenas ao nível do combate armado. É desafio querermos acabar com a fome e o subdesenvolvimento, que

poderoso que faz triunfar o processo de libertação da terra e dos homens moçambicanos. Ocupámos e tornámos-nos donos da floresta e da montanha, e assim o povo tornou-se forte, para conquistar depois as cidades onde ainda imperava o inimigo estrangeiro. Eramos poucos e vulneráveis, ao todo cerca de 250 homens treinados. Eramos uma minoria que aceitava sacrificar-se pela maioria. A primeira vista era assim, na realidade éramos o Povo. Por isso crescemos impetuosamente, tornámos-nos milhares e depois milhões, o País inteiro.

Esta tempestade que faz conhecer ao Mundo a justiça da nossa luta, do feudalismo nas zonas libertadas, gera-se o novo poder, o poder popular. No combate à ignorância e ao obscurantismo, na luta contra a doença, é o povo que constrói escolas, hospitais, postos sanitários. Na defesa das machambas e das povoações, das escolas e dos hospitais, é o povo armado, são os milicianos que punem o invasor e fazem das nossas zonas terra inexplorável.

É a adesão constante de novos voluntários que faz crescer as Forças Populares de Libertação de Moçambique. O povo é a terra generosa onde elas se enraízam e onde bucam a seiva que as fortalece. Guerrilheiros e população são parte integrante de um mesmo corpo. Combatente não é apenas o soldado que dispara. O soldado que dispara é também professor e enfermeiro, é comissário, é fotógrafo. É o enfermeiro, o professor, o camponês, o trabalhador da cooperativa de comércio, que, nas emboscadas e assaltos ao inimigo, aniquilam a força viva do colonialismo, são também guerrilheiros.

Esta identidade entre o povo e o combatente suscita a oposição das forças reaccionárias que, no nosso seio, queriam reduzir a luta a uma simples transferência de poder das classes exploradoras estrangeiras para as classes exploradoras nacionais. A essência do objectivo da reacção nacional ou estrangeira é sempre privar o povo do poder. Uma vez pelas armas, outras pela sabotagem. Aqui, refugiando-se na burocracia, ali cobrindo-se com a capa do desleixo; apesar das suas múltiplas facetas, a reacção age sempre com o mesmo objectivo.

O 25 de Setembro é o momento mais sublime da luta do Povo moçambicano, abre uma nova página na História do nosso Povo, rompendo definitivamente o ciclo de violência de cinco séculos de colonização. Ao pegar em armas em 25 de Setembro de 1964, o homem moçambicano exige a sua liberdade e independência, direito legítimo e inalienável dos povos, exige ser moçambicano e não cidadão estrangeiro na sua própria terra.

Com o 25 de Setembro, o Povo moçambicano inicia a grande epopeia da sua libertação, escrevendo as páginas mais belas e gloriosas da sua História com o seu próprio suor, com o seu próprio sangue. Assumindo as tradições seculares de resistência do nosso povo, sintetizando as qualidades e valores culturais do homem moçambicano, o 1.º Congresso do FRELIMO, realizado de 23 a 28 de Setembro de 1962, cria o embrião das Forças Populares de Libertação de Moçambique, ou seja, inicia pelas armas, o ataque final ao colonialismo.

Esta identidade entre o povo e o combatente suscita a oposição das forças reaccionárias que, no nosso seio, queriam reduzir a luta a uma simples transferência de poder das classes exploradoras estrangeiras para as classes exploradoras nacionais. A essência do objectivo da reacção nacional ou estrangeira é sempre privar o povo do poder. Uma vez pelas armas, outras pela sabotagem. Aqui, refugiando-se na burocracia, ali cobrindo-se com a capa do desleixo; apesar das suas múltiplas facetas, a reacção age sempre com o mesmo objectivo.

O segredo da vitória das crises que vivemos encontrou-se na capacidade de combatentes e povo manterem-se intimamente integrados. A reacção, ao atacar as FPLM — e esta era a questão-chave do 2.º Congresso da Frente de Libertação de Moçambique — atacava a força que defendia o povo contra o assalto dos reaccionários nacionais e estrangeiros.

O combate do povo moçambicano consolidou as independências dos Estados da África Austral, permitiu a criação da Conferência Coordenadora para o Desenvolvimento Económico da África Austral (SADCC). As balas do 25 de Setembro criaram uma base de apoio invencível para a luta de libertação do povo irmão do Zimbabwe.

Particularmente, nós combatentes do 25 de Setembro, nós povo moçambicano, estamos orgulhosos de ter implantado na África Austral uma alternativa de civilização que põe em causa o sistema do racismo e do imperialismo. O 25 de Setembro abriu Moçambique ao mundo. Permitiu-nos contribuir para a revolução mundial e fez-nos sentir o carinho e o calor imenso da solidariedade dos outros povos.

Dezenas de milhares de soldados colonialistas, beneficiando do apoio bélico do sistema racista na África Austral e de uma rede de alianças imperialistas, constituíram a muralha que defendia o sistema opressor estrangeiro na nossa Pátria. Dez anos depois, em 7 de Setembro de 1974, completamente derrotada, rendeu-se o colonialismo português. No dia 20, a Frente de Libertação de Moçambique instalava em Lourenço Marques o primeiro Governo do nosso povo, do Rovuma ao Maputo.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Este triunfo teve como consequência principal fecundar a Frente para o Partido. São os combatentes das FPLM, este instrumento de fundação. Num momento, eles constituem a vanguarda mais organizada do povo, para noutro momento se tornarem a base da criação do Partido Frelimo.

Particularmente, nós combatentes do 25 de Setembro, nós povo moçambicano, estamos orgulhosos de ter implantado na África Austral uma alternativa de civilização que põe em causa o sistema do racismo e do imperialismo. O 25 de Setembro abriu Moçambique ao mundo. Permitiu-nos contribuir para a revolução mundial e fez-nos sentir o carinho e o calor imenso da solidariedade dos outros povos.

Ele recolocou a nossa Pátria na África de que estávamos separados

Hoje, fruto do 25 de Setembro, erguemos com coragem uma Nação moçambicana onde não há etnias, raças, religiões que nos separem e dividem.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Na Direcção da Frente surgiram contradições sobre a viabilidade da luta armada. As primeiras trações e desercões, as primeiras rupturas nasceram durante a criação da FRELIMO e acentuaram-se depois em torno da questão da luta armada.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Com o recuo do tempo, comparando o que éramos com o que somos, sentimos a dimensão extraordinária do desafio histórico que representou o 25 de Setembro de 1964. Para muitos, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável. Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.